

VII CONGRESSO PAULISTA DAS ESPECIALIDADES

1 a 3 de julho de 2017

Centro Didático da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade de São Paulo (USP)
São Paulo/SP, Brasil**01 UTILIZAÇÃO DO MÉTODO TURBIDIMÉTRICO PARA DETERMINAÇÃO DE HEMOGLOBINA GLICADA (HbA1c) EM CÃES DIABÉTICOS E NÃO DIABÉTICOS**LOMASI, B. A.¹; FONSECA, F.²¹ Médica-veterinária na Faculdade de Medicina do ABC (FMABC). E-mail: labdonb@gmail.com² Médica-veterinária na Faculdade de Medicina do ABC (FMABC)

A maior sobrevivência e as mudanças nos hábitos de vida dos cães têm permitido o surgimento frequente de doenças como *Diabetes mellitus*. Os sintomas estão diretamente ligados a sua gravidade, com diagnóstico clínico caracterizado pela presença de poliúria, polifagia, polidipsia e perda de peso. O diagnóstico laboratorial é confirmado pela ocorrência de hiperglicemia em jejum e glicosúria persistentes. A insulino-terapia aplica-se nos casos de *Diabetes mellitus* insulino dependente (DMID) e objetiva o controle glicêmico e a diminuição dos sintomas. A hemoglobina glicada (HbA1c) é importante marcador de risco de complicações diabéticas, porém pouco utilizado na rotina veterinária devido à escassez e discrepância de valores de referência, à ausência de padronização nas metodologias e ao número insuficiente de indivíduos analisados. Dessa maneira, este trabalho analisa o emprego da HbA1c como marcador prognóstico de *Diabetes mellitus* em cães, estabelece a relação da HbA1c com as variáveis clínico-epidemiológicas e bioquímicas e propõe valores de referência de HbA1c para cães diabéticos e não diabéticos. Foram selecionados aleatoriamente 86 cães saudáveis e 20 cães diabéticos de idade e raças variadas, machos e fêmeas, castrados e não castrados. Os exames de triagem realizados foram: hemograma completo, ureia, creatinina, ALT, FAL e glicemia em jejum e hemoglobina glicada pelo método de turbidimetria, segundo normas de Boas Práticas de Laboratório. O teste de correlação de Spearman foi empregado para verificar a relação entre a HbA1c e as variáveis bioquímicas e hematológicas. Utilizou-se a curva ROC (*Receiver Operating Characteristic*) para analisar a capacidade diagnóstica da glicose e da hemoglobina glicada para prever diabetes em cães e Data Analysis and Statistical Software for Professionals (Stata) versão 11.0*. Intervalos de confiança (95%): 84,4 a 92,5mg/dL (glicemia), 3,8% a 4,0% (HbA1c), 6,4 a 7,0x10⁶/ul (hemácias), 14,8% a 15,8% (hemoglobina), 43%

a 45% (hematócrito), 0,9 a 1,1mg/dl (creatinina). A HbA1c apresenta correlação tanto com a glicose ($p < 0,001$) como com a creatinina ($p = 0,002$) e, quando avaliada por turbidimetria HbA1c, pode servir como um marcador de *Diabetes mellitus* em cães.

02 VALORES DE REFERÊNCIA FISIOLÓGICOS PARA CÃES MILITARES: ESTUDO PRELIMINARBAPTISTA SOBRINHO, C. A.¹; FONTOURA-ANDRADE, J. L.²; ANDRADE, M. T.³; CASTRO, B. A.⁴; RIBEIRO, E. L.⁵; OLIVARES, C.C.S.⁶; ALMEIDA, L. P.⁶; RIBAS, F. T.⁷¹ Chefe da Divisão de Pesquisa, da Direção Técnica de Ensino e Pesquisa, do Hospital das Forças Armadas. E-mail: cabsobrinho@gmail.com² Adjunto da Divisão de Pesquisa, da Direção Técnica de Ensino e Pesquisa, do Hospital das Forças Armadas³ Chefe do Laboratório de Cirurgia Experimental da Hospital das Forças Armadas de Brasília⁴ Biomédico Supervisor da Hemoclínica - Clínica de Hematologia e Hemoterapia⁵ Biomédica no Hospital Anchieta (DF)⁶ Chefe da Seção de Cães de Guerra do Batalhão de Apoio do Comando de Operações Especiais⁷ Subchefe da Seção de Cães de Guerra do Batalhão de Apoio do Comando de Operações Especiais

Cães de emprego militar desempenham importante papel, quer nas atividades militares, quer no emprego da segurança pública. A literatura é escassa sobre valores de referência e biomarcadores para cães de trabalho em condições climáticas semelhantes às do Brasil. Assim, este trabalho investigou valores de referência nos resultados de avaliações de cães militares realizadas durante prova de trabalho militar, a fim de detectar biomarcadores de condicionamento físico. Foram utilizados cães do Exército Brasileiro, da Polícia Rodoviária Federal e do Corpo de Bombeiros Militares de Goiás, dos quais 11 são fêmeas e 14 machos, das raças Lobo Tchecoslovaco, Pastor Alemão, Pastor Belga e Labrador, entre um e nove anos de idade. Os animais foram submetidos a prova de trabalho, avaliação clínica, análise de temperatura retal (TR), frequências respiratória (FR) e cardíaca (FC) e colheita de sangue (para análise hematológica, bioquímica e dosagem de cortisol) antes (t₀), imediatamente após (t₁), e uma hora após a prova (t₂). As médias das variáveis foram comparadas pelo teste T (LSD; $p < 0,05$). A análise de diferenças significativas ($p < 0,05$) só foi constatada para glicoproteína ácida alfa 1, cujas taxas eram maiores em fêmeas. As médias e erros padrão apresentaram os seguintes valores: hematócrito – 47,1±0,9%; leucócitos – 11,6±0,5 células/mm³; proteínas plasmáticas – 6,9±0,1 células/mm³; plaquetas – 274,1±12,5 × 10⁶/mm³; albumina – 3,5±0,1g/dL; ALT – 41,2±3,9U/L. As variáveis que apresentaram

diferença ($p < 0,05$) entre t_0 e t_1 , respectivamente, foram: FC – $97,6 \pm 5,8$ vs. $132,6 \pm 7,0$ bpm; FR – $107,8 \pm 10,5$ vs. $153,8 \pm 9,3$ irpm; TR – $38,5 \pm 0,1$ vs. $39,4 \pm 0,1$ °C; cortisol – $3,6 \pm 0,4$ vs. $6,1 \pm 0,7$ vs. $4,7 \pm 2,5$ µg/dL; AST – $51,7 \pm 3,2$ vs. $61,7 \pm 2,9$ U/L; e transferrina – $0,1 \pm 0,0$ vs. $0,03 \pm 0,0$ mg/dL. Foi observada forte correlação positiva (0,77; correlação de Pearson) entre frequência cardíaca e cortisol, ambos no t_1 . Os resultados preliminares podem ser utilizados como valores de referência para cães condicionados fisicamente ao emprego militar, já que os animais não demonstraram alterações relevantes na maioria das avaliações realizadas.

03 ANÁLISE DA AÇÃO ANTIBACTERIANA DA PRÓPOLIS E PADRONIZAÇÃO DE VOLUMES POR MEIO DE ANTILOGRAMA

MAGALHÃES, T. V¹; LOTT, R. F. E²; DEL CARRATORE, C. R².

¹ Discente do curso de Medicina Veterinária (Unimar). E-mail: thaisvendraminio707@gmail.com

² Docente do curso de Medicina Veterinária (Unimar)

Própolis, resina natural produzida pelas abelhas, é utilizada desde a antiguidade para o tratamento de doenças. As amostras que contém alto teor de flavonoides são relatadas por apresentarem atividade antimicrobiana. Foram utilizados discos estéreis de antibiograma, contendo própolis sem álcool, com álcool a 30% e um grupo com álcool a 30% em placas de petri com meio Mueller-Hinton. Bactérias dos gêneros *Staphylococcus*, *Streptococcus*, *Escherichia coli* e *Salmonella* foram semeadas e cultivadas em ágar Sangue, MacConkey, Eosina Azul de Metileno e Verde Brilhante. Após seu crescimento, as bactérias foram semeadas nas placas com os discos de antibiograma contendo a própolis. Foram realizados testes com discos embebidos, outros com 20, 40 e 60 microlitros das própolis sem e com álcool. A própolis sem álcool apresentou atividade antibacteriana com 60 microlitros e embebida no disco. Já a própolis alcoólica inibiu o crescimento bacteriano em todas as proporções, demonstrando halo de inibição maior em torno do disco de acordo com o aumento do volume. A utilização de solução alcoólica a 30% livre de extrato de própolis não demonstrou efeito antimicrobiano nos agentes. A própolis sem álcool inibiu o crescimento bacteriano de maneira discreta somente nas bactérias Gram-positivas, não demonstrando efeito nas Gram-negativas. A atividade antibacteriana da própolis é maior contra as bactérias Gram-positivas devido aos flavonoides, ácidos e ésteres presentes na resina que atuam na parede celular bacteriana. Quanto aos diferentes resultados sobre a inibição da própolis encontrados na literatura, a hipótese seria a diferença na composição devido a fatores climáticos.

Desse modo, a própolis atua na inibição do crescimento de bactérias Gram-positivas e Gram-negativas, sendo o álcool um potencializador do seu efeito antimicrobiano.

04 CASO DE HÉRNIA ABDOMINAL EM FELINO APÓS PROCEDIMENTO CIRÚRGICO DE OVARIOSSALPINGO-HISTERECTOMIA (OSH)

MIRANDA, B. R. M.¹; FREITAS R. S.¹; CANTANHEDE R. M. C.¹; ARAUJO H. N.¹; FONSECA T. O. P.¹; FRANCEZ, L. C.²

¹ Discente de graduação da Universidade da Amazônia (Unama). E-mail: thaisa.oliveiravet@gmail.com

² Docente de Medicina Veterinária da Universidade da Amazônia (Unama)

Hérnias abdominais externas são defeitos na parede abdominal externa que permitem protrusão do conteúdo abdominal. Os sinais clínicos incluem capacidade respiratória debilitada. O abdômen parece estar comprimido e menor, e raramente os sinais clínicos estão ausentes. O tratamento consiste em herniorrafia para reposicionar os órgãos na cavidade. O prognóstico é bom e a recorrência, incomum. Este trabalho relata caso de hérnia abdominal em felino ocorrido após procedimento cirúrgico na cidade de Belém, estado do Pará. Uma gata de aproximadamente cinco anos, SRD, pesando 5,5kg, foi encaminhada ao atendimento clínico apresentando a região abdominal edemaciada. Foram aferidos os parâmetros fisiológicos e realizados hemograma e bioquímico, que atenderam aos valores referenciais. Constatou-se que a hérnia abdominal fora causada por má utilização de fios de catgut que romperam ou tiveram seus nós desatados.

Para o pós-operatório, foi prescrito ½ comprimido de Doxicifin a cada 12 horas, por 20 dias a contar do primeiro dia de tratamento, ½ comprimido de Meticortem a cada 24 horas durante quatro dias e aplicação de Diprogenta no local lesionado. O animal apresentou melhora a partir do segundo dia. Não existe consenso sobre o procedimento cirúrgico utilizado, pois há diversas técnicas para o fechamento da cavidade abdominal. As hérnias pós-cirúrgicas podem ocorrer devido a causas iatrogênicas, como lambedura no local da incisão, falta de repouso no pós-operatório, não utilização de Colar Elizabetano e curativos e consequente infecção ou escolha inadequada da técnica de sutura. Conclui-se que, com procedimento cirúrgico e prognóstico adequados, hérnias abdominais podem ter excelentes tratamento e resultado, como nesse caso, em que o animal apresentou resolução completa dos sinais clínicos.